

Brevíssima biografia do governador José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque

Breno Gontijo Andrade
Mestre em História
Universidade Federal de Minas Gerais
brenohistoria@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Governadores, Odes, Suassuna.

KEYWORDS: Governors, Odes, Suassuna.

O documento transcrito a seguir encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal, no Fundo Geral, cota L. 3681//1 P, com o título de ODES AO ILLMO SENHOR JOSÉ FRANCISCO DE PAULA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE ACABANDO DE GOVERNAR A ILHA DE S. MIGUEL NO ANNO DE 1815. A documentação pode ser consultada na própria biblioteca ou pode ser adquirida por meio de cópia virtual, serviço oferecido pela Biblioteca Nacional de Portugal às expensas do pesquisador.

A ode é documento importante porque revela um pouco da trajetória de vida de um dos membros da família tradicional dos Cavalcanti de Albuquerque, que atuou em Pernambuco no final do século XVIII e durante o século XIX. A história da administração de muitos governadores das capitanias do Império português ainda é desconhecida, entretanto a ode transcrita lança luz a uma parte ainda ignorada da carreira administrativa do governante José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.

Como foi identificado por Laura de Mello e Souza, na dinastia dos Bragança, para o cargo de governador havia a preferência por aqueles homens que compusessem a tradicional nobreza, portanto, nascidos em Portugal. Além disso, havia a preferência por governantes gerais do que por letrados⁴⁵⁵. José Francisco não cumpria nenhum dos requisitos. Primeiramente, era nascido em Pernambuco, mais moço dos irmãos, filho de pai brasileiro. O seu pai, cadete no regimento de linha do Recife, não fazia parte da corte portuguesa, embora fosse bem relacionado, pois tinha bastante amizade com o governador de Pernambuco, D. Tomás José de Melo, cujo governo cobriu o tempo entre 1787 e 1798. A fortuna da família Cavalcanti de Albuquerque foi feita por meio do plantio da cana-de-açúcar em Pernambuco. Soma-se o fato de José Francisco ter sido um militar de segunda ordem, capitão do corpo de artilharia do Recife, longe das guerras europeias e

⁴⁵⁵ SOUZA, Laura de Mello e. *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 163–166.

dos altos postos militares necessários para o governo de uma capitania. Talvez essa falta de pureza de sangue e de feitos militares tenha levado José Francisco a governar capitanias de pouca relevância dentro do Império português.

As primeiras aparições de José Francisco nos documentos datam de 1800. Nesse período, José Francisco viajou para o reino para tratar de negócios da sua família. Enviava muitas cartas para os irmãos em Pernambuco, dando notícias do que acontecia em Portugal – na ocasião, envolvido numa guerra contra a Espanha – e das suas políticas para conquistar uma patente militar mais alta, a de tenente-coronel. Todavia, como a guerra contra a Espanha era incerta, havia a impressão de que Portugal poderia ser conquistado. Sabendo disso, José Francisco começou a alertar seus irmãos em Pernambuco, escrevendo que eles não emprestassem dinheiro para a Coroa portuguesa. Nesse período, houve uma denúncia feita por um amigo íntimo da família: os Cavalcanti de Albuquerque tratavam de ideias sediciosas em suas cartas e entre si. Por isso, os irmãos em Pernambuco foram presos, enquanto José Francisco, que estava no Reino, fugiu para a Inglaterra⁴⁵⁶. Esse episódio ficou conhecido como a Conspiração dos Suassuna⁴⁵⁷. Como não encontraram maiores evidências contra os irmãos, depois de um ano e meio os irmãos foram soltos, José Francisco voltou para Pernambuco e o assunto foi esquecido pelo príncipe. Todos voltaram à estima do soberano, tanto que José Francisco conseguiu o seu primeiro cargo na administração de uma capitania, atuando como governador do Rio Grande do Norte, entre 1806 e 1811. Governar o Rio Grande do Norte era cargo de prestígio na América portuguesa, mas, nem tanto sob a ótica da corte. Na época, a capitania tinha pouca extensão de terra, era desabitada, sofria os castigos da seca e, por fim, estava subordinada imediatamente à capitania de Pernambuco, na época governada por Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Isso é o mesmo que dizer que José Francisco governava em partes uma região inóspita, uma vez que deveria obedecer às intervenções do governador de Pernambuco. Em 1811 foi transferido para o governo da ilha de São Miguel dos Açores, reconhecido pelo viajante Henry Koster também como região de pouco prestígio para se governar: “(...) lamento dizer que ele foi transferido para o governo insignificante de São Miguel, um dos Açores, nas ilhas ocidentais”⁴⁵⁸.

À medida que José Francisco se distanciou da América portuguesa menos se conheceu sobre ele. Sobre seu governo na ilha de São Miguel de Açores (1811–1815), sabe-se ainda menos

⁴⁵⁶ As minúcias desse episódio encontram-se no artigo: ANDRADE, Breno Gontijo. A carta de amor extraviada ou sobre a conspiração epistolar desconhecida – indagações sobre a existência da suposta conspiração dos Suassuna ocorrida no memorável ano de 1801. *Saeculum – Revista de História* (no prelo).

⁴⁵⁷ Os irmãos Cavalcanti de Albuquerque eram proprietários de um engenho chamado Suassuna. O nome do engenho acabou por designar a suposta conspiração em que eles eram os principais agentes.

⁴⁵⁸ KOSTER, Henry. *Viagens ao nordeste do Brasil*. Tradução e notas de Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 112.

do que o seu governo no Rio Grande do Norte. Um dos poucos documentos que apontam para esse momento é a ode transcrita neste texto, feita em louvor ao seu governo, na ocasião em que terminou o seu governo e foi escolhido para governar Moçambique. Todavia, nada se conhece sobre o seu governo na África entre 1815 e 1817. De qualquer forma, das três capitânicas por onde passou, em três continentes distintos, diga-se de passagem, Moçambique foi a capitania mais promissora no que se diz respeito à extensão territorial e às riquezas naturais.

Antes de ir para Moçambique, José Francisco recebeu uma ode em sua homenagem, escrita pelo eclesiástico F. Borges, que dizia ser amigo do governador e habitante da ilha de São Miguel dos Açores, na vila de Ponta Delgada. A escrita de odes não era incomum para a época. Geralmente, os escritores dedicavam seus poemas laudatórios às pessoas que pudessem ajudá-los em algum desígnio, ou mesmo dedicavam obras em gratidão a alguma mercê recebida. Laura de Mello e SOUZA diz que a homenagem se tornava pretexto para o poeta escudar-se no homenageado e mesclar habilmente lisonja e reivindicação⁴⁵⁹.

Na primeira parte da ode, o autor segue a habitual fórmula de buscar na Antiguidade Clássica comparações que dourassem o nome de seus homenageados. Por isso, cita os nomes de Epaminondas – conhecido por transformar Tebas em uma cidade-estado de maior importância que Esparta – e Aristides – conhecido por governar com justiça. Assim, o autor quer dizer que José Francisco melhorou as condições da ilha, além de governar com justiça. Para o autor, José Francisco é um homem honrado e preocupado com o bem da humanidade. Também comum a esse tipo de texto, o autor aponta para a importância de quem escreve as odes: imortalizar o homenageado. Ninguém saberia nada de Gama não fosse Camões; ninguém saberia sequer o nome de Ílion não fosse Homero. Por isso, o escritor daquela obra era importante, para que os feitos de José Francisco chegassem à posteridade. Em seguida, faz referência por onde passou José Francisco: Olinda, Rio Grande e Açores. Sobre Olinda não se sabe qual foi a relação de José Francisco com a cidade, embora seja conhecida a sua passagem nos governos do Rio Grande do Norte e São Miguel dos Açores.

Na segunda parte da ode, como é esperado desse tipo de poema, o escritor exalta as qualidades do governador, dizendo que José Francisco foi glorioso, hábil, prudente, um governante perfeito que não sofreu oposições. Lembra o autor que, embora José Francisco não tenha fundado impérios, não se tenha envolvido em guerras que expandissem as terras lusitanas, ou tenha expulsado invasores estrangeiros, José Francisco foi muito amado pelo povo. Para o escritor os feitos conquistados nos campos de batalha são menores do que reger um povo sem

⁴⁵⁹ SOUZA, Laura de Mello e. *O sol e a sombra*, p. 419.

nenhum distúrbio. O governo de José Francisco promoveu tanto bem aos insulanos, que ficou marcado na memória da população, de maneira que o busto dedicado ao governante ficaria no coração de cada súdito, sendo passadas as memórias do seu governo de pai para filho, para toda a posteridade. Por fim, lastima a partida do governador, dizendo que sua passagem em outras terras tornariam outros povos melhores. José Francisco, na ocasião, partia para Moçambique.

O ano de 1817 foi crucial para o Império português e para o governador de Moçambique, José Francisco. Em 1817 o Império português sofreu duas contestações, a Conspiração de Gomes Freire e a Revolução Pernambucana de 1817. Em Pernambuco, a família de José Francisco – seus irmãos e sobrinhos – envolveu-se com a Revolução Pernambucana. Eles ajudaram os revoltosos com conselhos, recursos e lideraram tropas contra as forças reais. A documentação ainda revela que seus irmãos e os revolucionários de 1817 quiseram que José Francisco, mesmo em Moçambique, se envolvesse com a Revolução. Quatro dias após o início do levante, fretaram o brigue Sally Dana com o objetivo exclusivo de enviar cartas dos revolucionários para José Francisco. Não seria ilógico dizer que esse ato significava pedir adesão de Moçambique à Revolução Pernambucana. Foi o que os revolucionários tentaram, ao enviar seus emissários por todo o norte da América portuguesa, alcançando sucesso na Paraíba e Rio Grande do Norte, mas, falhando na conquista do Ceará e Bahia. É ainda obscuro o fim da viagem do brigue Sally Dana, não se sabe se José Francisco recebeu as missivas dos revolucionários. Aquele ano, porém, foi fatal para a família dos Cavalcanti de Albuquerque. A Revolução foi vencida pelas tropas reais; os irmãos foram presos, um dos sobrinhos foi morto e José Francisco, no continente africano, acabou também perecendo de causas ainda desconhecidas pelos historiadores. Mesmo amputada, a família Cavalcanti de Albuquerque sobreviveu ao longo do século XIX, ocupando cargos promissores na política de Pernambuco e do Império.

Documento Transcrito

Odes ao ILL.^{mo} Senhor José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, acabando de governar a Ilha de S. Miguel no ano de 1815

[fl.1 e fl.2 em branco]

[fl.3]

Ode I.

Imaginou a Grécia, sábia em tudo,

Huma Deosa loquaz, que por cem bocas,
De hum pólo, a outro pólo, apregoava
As acções memorandas

Epaminondas decantava a Deosa;
Lembrava ao Mundo Aristides o justo;
A Fama era o seu nome; e tinha altares
No Tempo da Memoria.

Existia outro Deos, seu nome Apollo;
Regia a Lyra; dominava os Vates:
Cantavão, por dever, as acções grandes,
E a Fama as repetia

[fl. 4]

Mas não há Fama, nem existe Apollo;
Em todas as nações há homens grandes,
Homens honrados, que tem só em fito
O bem da humanidade.

As Patrias suas, gratas a seus brios,
Alção-lhes bustos, de tropheos os cobrem;
E em verso vivedor quem tange a Lyra,
Decanta os seus louvores.

Pomposo mausoléu conservava Nelson:
Dessaix brioso, n'hum estatua vive:
E de Camoes nos versos sonorosos,
Ainda existe o Gama.

Dá-se ao heroe, huma existência nova:
Se o canta gentil Musa, eterno vive;
De Ilion nem talvez restasse o nome,
Se o Homero a não cantasse.

[fl. 5]

Cantar, e inspirar acções briosas,
Eis o dever das Lyras não vulgares;
As outras tem por fim doirar os vícios;
Cantar Dionísio, e Nero.

A minha Lyra, que eu votei á Patria,

A cantar sempre a Lusitania gloria,
E do seus bravos filhos, que briosos,
Por ella a morte encárão.

Hoje gostosa de Albuquerque canta
Continúa a cantar acções briosas:
Olinda, Açores, Rio Grande attestão
Sua prudência, e brio.

Porém a minha Lyra ainda mais canta:
Louvou; vai inspirar acções briosas:
Quanto he fácil soprar altas façanhas
N'hum peito, que ama a gloria.

[fl. 6]

Vai bravo filho da virtude Olinda,
No patrio sólo teu mostrar teus brios;
Ganhar os loiros, que entregou,
n'outr' hora,
Gostoso, ao gráo Vieira.

Do Brazil nas vastíssimas Campinas,
Ao longo desses rios caudalosos,
Sobre as chapadas de alterosas Serras,
Nas Cidades florentes.

Por toda a parte do Brazil se estende
Do PRINCIPE de Lysia a mão piedosa;
Por toda a parte, as artes, á porfia,
Com seu bafejo avanção.

Vai viver perto do seu régio abrigo;
Por Elle, e Patria, vai trabalhar sempre:

Ganha mais gloria, que para canta-la,
Ganharei nova Lyra.

[fl.7]

De mim, dá terno adeos a essas plagas:
Saudoso adeos recebe nos meus versos,
Espontaneo tributo, que eu só págo
A' Patria, e aos Amigos.
Ponta-delgada 17 de Setembro de 1815.
Teu Amigo F. Borges.

[fl.8 em branco]

[fl.9]

Ode II.
Orna a verdade, mas não mente a Musa.
Elp. Nonacr.

Não he facil achar na vasta historia
Ministro tão glorioso,
De quem conserve o povo inda a memoria,
Sem que haja algum queixoso.
Resto será o Chefê, hábil, prudente;
Mas contentar não póde a toda a gente.

[fl.10]

Com mil exemplos confirmar poderá
Verdade tão constante;
Mas quem do povo audaz não considera
O juízo inconstante?
He fatal condição do humano peito,
Que até na perfeição acha defeito.

Em tanto, raro exemplo! te exceptuas
Desde geral contagio,
Illustre Cavalcanti, e te graduas
Tal no comum suffragio,
Que em tanta voz, que a teu respeito se
ouve
Nenhuma sómente ha, que te não louve.
Tu não fundaste Imperios poderosos
D'outros devastadores,
Quaes os de Cyro, e Romulo famosos
Por estragos, e horrores.
Porém povo a ti confiado, amaste,
E, qual amante Pai, sempre o trataste.

[fl.11]

Se não foste Lycurgo, ou Solon justo,
Que leis prestantes dêrão
A Athenas varia, e Esparta com gráo custo,
E immortaes se fizerão:
As de Lysia guarar sempre fizeste,
E exemplo d'obediencia a todos deste.
Se por guerras crueis não dilataste
O Imperio Lusitano;
Por modos mil o aumento procuraste
Deste povo Insulano;
Fizete ver ao Throno a alta valia,
A que talvez cheguemos algum dia.
Se a Patria não livraste, como Augusto,
De guerras intestinas:
Com peito forte removeste, a justo
As intenções ferinas,

Com que perder aos fracos meditavão
Alguns, que só de dólos se fartavão.

[fl. 12]

Eis-aqui decifrado o enigma escuro,
Que tanto embaraçava
A quem de glória tanta, e louvor puro
As causas não achava.
A todos foste tudo, e diligente,
Só huma as vozes são de toda a gente.

Ergão embora bustos duradouros
Os Persas, e os Romanos.
Nelles mostrem aos séculos vindouros
Typos de seus Sob'ranos.
Das bellicas proezas dos guerreiros
Grossos volumes sejam pregoeiros.

Embora em muito estimo o vulgo errado
Façanhas sanguinosas;
Levante a herôe por guerras afamado
Estátuas magestosas...
Que o ápice da gloria, a gloria summa
Só está em reger póvos como Numa.

[fl. 13]

Então nos corações do povo amado
Tal busto se levanta,
Que nem todo o poder do tempo irado
O abálla, nem quebranta.
Em tanto viverão Numas clementes,
Em quanto o Sol lançar rayos ardentes.

Esta a sorte propicia, que te espera,
O' Cavalcanti afável.
Assim se deve a hum Pai benigno, que era
Incessante, e incançavel
Em promover o bem dos Insulanos,
Impedindo-lhes sábio iniquos damnos.

Alegre ao filha irá o pai contando
As acções, que em ti vira.
Ao neto o filho irá também lembrando
Quanto a seu Pai ouvira.
Terão teus Feitos celebrada historia
Dos gratos Insulares na memoria.

[fl. 14]

Mas tua cruelíssima partida
Já pede o tempo aváro.
Oh, tanto a tua ausência he já sentida,
Quanto he teu nome cáro.
Vai tornar outros póvos venturosos,
Que hum dia, como nós, serão chorosos.

Cantava hum Ecclesiastico da mesma Ilha.

FIM.

Recebido em: 10/02/2014

Aceto em: 19/05/2014